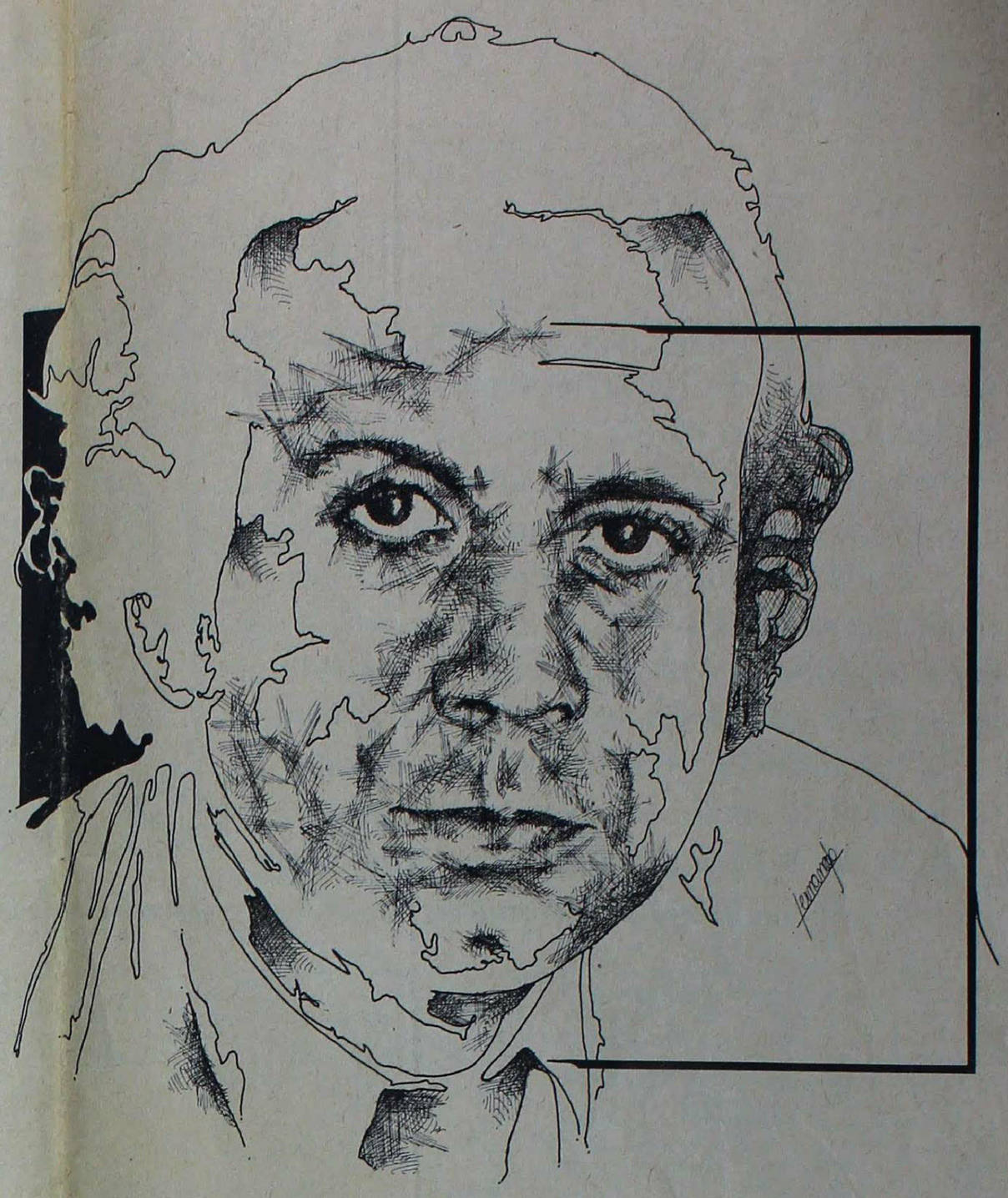
BR.IBES.2.J.059

PAULO DE PAULA

Poeta e escritor, com um conto elogiado por Guimarães Rosa, autor de dois livros didáticos de Português e de duas peças teatrais - uma delas apresentada em Washington - diretor de teatro premiado na ex-Guiana Inglesa, Paulo de Paula é um mineiro que adotou o Espírito Santo como refúgio espiritual. Ele passou vários anos nos Estados Unidos, onde ensinava a nossa língua para os americanos, e agora está de volta. Aqui, ele conta alguns aspectos curiosos da sua vida, fala do seu grande ideal - escrever uma obra séria sobre a vida de Anchieta - e da sua atividade como intérprete da Organização dos Estados Americanos (OEA) em Washington e durante as crises na República Dominicana e em Trinidad.



O poeta reencontra suas origens.

Texto de Paulo Ribeiro
Ilustração de Fernando

A poesia está na alma de Paulo de Paula. Ele a tem mais como uma reflexão. Seus temas variam. Às vezes são saudosistas; lembranças de Vitória. Apesar de ter nascido na cidade mineira de Ipanema, veio ainda criança para o Espírito Santo.

Ocupado em muitas atividades, Paulo de Paula ainda encontra tempo para escrever poesias. No último dia do professor, ele escreveu a mais recente delas, "mais por inspiração do que por planejamento". E revela a influência que Walt Whitman, poeta americano, exerce sobre ele.

Paulo de Paula já teve uma seleção de poemas seus publicada num volume editado pela Escola Técnica Federal do Espírito Santo, há vários anos.

– "Agora eu estou preparando uma coletânea de poesias infantis que escrevi há bastante tempo. Penso em procurar em editor para publicá-la, porque elas poderiam ser usadas didaticamente", diz ele.

Elogios

"Ponte aérea Rio-São Paulo", peça escrita por Paulo de Paula especialmente para a televisão, foi apresentada em 1968 na Guanabara, pela TV Rio. Foi dirigida por Ítalo Rossi e contou com a participação de Célia Biar, Rosita Tomás Lopes, Labanca, Nildo Parente, Germano Filho, entre outros atores.

– "Fiz esta peça me baseando um pouco no estilo de Agatha Christie. Em resumo: um crime, um drama policial; sem envolver diretamente a polícia. Não quero contar a história toda, porque tenho intenção de fazer um romance da peça, para posterior publicação".

A sua segunda peça, foi apresentada em Washington, no teatro da Georgetown University. Era um musical, chamado "Só zueira", aproveitando a música "Zazueira", grande sucesso na época nos Estados Unidos.

Uma carta de Guimarães Rosa, elogiando um de seus contos, animando-o a prosseguir, é guardada com carinho por Paulo de Paula até hoje. Este conto, publicado em quatro línguas, chama-se "No azul, feliz" e sua primeira publicação saiu na revista "Américas", da União Panamericana, de Washington, em 1969.

– "Este conto traz reminiscências da minha infância, passada em Castelo. O Guimarães Rosa – do qual me considero estudante – me escreveu uma carta. Ele tinha lido o conto em inglês, e gostou bastante. Me animou a prosseguir. Depois escrevi outro, na mesma revista, sobre Santos Dumont. É um dos contos do qual mais me orgulho".

Dois livros didáticos, muito usados em universidades americanas, também fazem parte da obra de Paulo de Paula. O primeiro, sobre Português – conversação e gramática –, também está sendo utilizado no Brasil, para ensinar a nossa língua a estrangeiros. O outro, é sobre "Leituras Brasileiras Contemporâneas".

Paulo de Paula diz que, no momento, está estudando seus arquivos, preparando conferências, em atividades mais de ordem didática. "Depois então me dedicarei mais à literatura. O conto "No azul, feliz", será transformado em um romance. Há muito que já venho trabalhando nele, mas acho que ainda não há condições de publicação".

Interesse

No tempo que passou nos Estados Unidos, Paulo de Paula era assessor educacional, e dirigia um instituto de estudos brasileiros. "Tínhamos uma galeria de arte, com várias obras de pintores brasileiros, uma revista semanal, com dois ou três artigos de fundo, e noticiário em inglês. Tínhamos também um curso de Português, de arte e de inglês para estrangeiros".

– "Em geral, o americano tem um interesse muito grande pelo Brasil. Como conheço bem os Estados Unidos, desde que fui para lá pela primeira vez, com 16 anos posso dizer que o interesse aumentou bastante com a construção e inauguração de Brasília. Só assim o americano conheceu estatísticas mais verdadeiras, passou a ver o Brasil mais como um continente do que como uma ilha".

– "Depois, o interesse dos americanos pelos nossos costumes e nossa língua continuou a aumentar. Hoje, contamos com mais de 100 universidades americanas que ensinam o português, lugar antes ocupado pela língua espanhola. O nosso Instituto, em Washington, assim como a galeria, continuam funcionando".

Depois dos Estados Unidos, Paulo de Paula passou uma temporada na Guiana – ex-colônia da Inglaterra – como adido cultural. "Só depois que foi proclamada a independência é que foi fundada a Universidade local. A aula inaugural foi dada por Gilberto Freire", diz ele.

– "Quando cheguei lá como adido cultural, o português não era ensinado no departamento de línguas modernas. Além de conseguir a sua introdução, publiquei artigos nos jornais locais, algumas críticas e poesias, tudo procurando difundir a língua e a cultura portuguesa".

Na Guiana, Paulo de Paula dirigiu a primeira peça brasileira apresentada naquele país – "O auto da compadecida", de Ariano Suassuna, com atores profissionais. A peça foi montada no Theatre Guild of Guyana, e a direção lhe valeu um prêmio. A peça foi apresentada em inglês, traduzida por um professor da Universidade da Califórnia. Paulo diz que a peça foi muito bem recebida pelo público local. Ele passou dois anos e meio naquele país, tendo saído de lá em 1972. Em 1973 voltou aos Estados Unidos, desta vez como professor de Estudos Brasileiros, onde utilizava especialmente o seu livro sobre "Leituras Brasileiras Contemporâneas", escrito para alunos que já tinham algum conhecimento da língua portuguesa.

Em serviços rápidos, ele participou como intérprete simultâneo de várias reuniões da Organização dos Estados Americanos (OEA), inclusive numa conferência que reuniu todos os países das Américas para discutir problemas de educação e cultura. Paulo de Paula trabalhou na OEA também como intérprete, durante as crises da República Dominicana e de Trinidad. Ele não gosta de comentar estes assuntos. "Eu era apenas o intérprete", justifica.

Ensino

Analisando o ensino universitário brasileiro, em comparação com o aplicado nos Estados Unidos, Paulo de Paula acha que ele peca pela diversificação a que se vê obrigado o aluno para conseguir completar seu curso. "No Brasil, ou o ensino superior é gratuito ou praticamente gratuito. Com isso, alunos de classes menos privilegiadas têm oportunidade de ingressar em qualquer curso. Chegando lá, entretanto, ele fica tolhido de dar à Universidade o seu tempo integral, porque precisa trabalhar para custear as suas outras despesas".

–"Nos Estados Unidos, o curso universitário não é gratuito, de modo que, se o aluno não tem condições financeiras suficientes, tem que optar por outras atividades. Lá, o aluno universitário vive dentro da própria comunidade universitária. Quando eu estudei nos Estados Unidos, nos dois primeiros anos, servia mesas, depois do terceiro é que passei a assistente do professor de espanhol. Os alunos trabalham como faxineiros, funcionários, tudo dentro da própria universidade, impedindo a diversificação de atividades que ocorre no Brasil".

Explicando o "vestibular americano", Paulo de Paula disse que, na verdade, não é um exame vestibular, mas sim uma verificação de reconhecimento de nível de cada estudante. "A Universidade americana oferece vários cursos, de modo que, se o aluno não preenche certos requisitos, poderá ser aproveitado em outros cursos de base".

Paulo de Paula acha que no Brasil, com a adoção do vestibular unificado, está se aproximando a solução ideal, embora ainda esteja em fase experimental.

Mestrado

Reconhecendo que em estados americanos como a Califórnia chega a ser difícil um professor primário sem mestrado conseguir uma vaga em qualquer escola, Paulo disse que o problema é menos grave no Brasil, devido à homogeneidade da população

Nos Estados Unidos, há cidades onde os grupos estão divididos – há bairros só de negros, só de portorriquenhos. A heterogeneidade é um sério problema, que não existe no Brasil, onde o professor primário não necessita ter um treinamento tão específico".

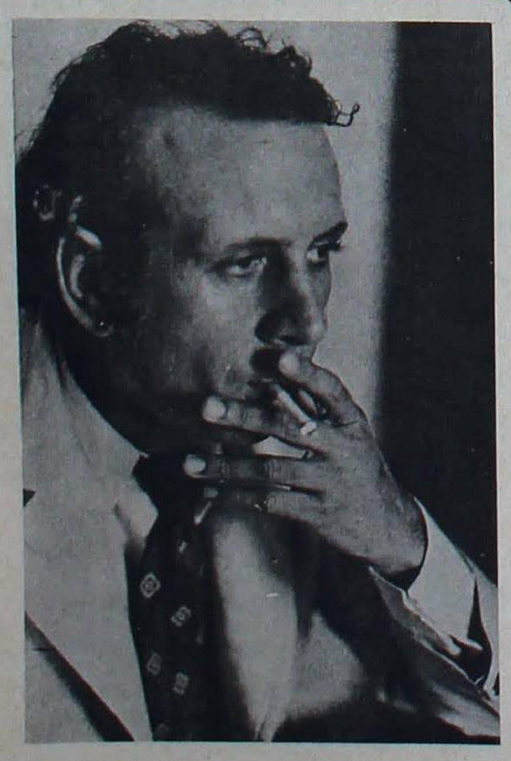
– Estou entusiasmado – continuou o professor – com os colégios polivalentes do Brasil. Já visitei várias destas escolas e fiquei impressionado com o que vi, não só com as condições físicas que as escolas apresentam como com o interesse dos professores".

Entre tantos projetos, como a transformação do conto "No azul, feliz" em romance, e da adaptação da peça "Ponte aérea Rio-São Paulo" para um livro policial, Paulo de Paula revela o seu ideal, que ele espera concluir antes de morrer – "e por isto mesmo não tenho pressa em concluí-lo, já que não tenho pressa de morrer". É uma obra sobre o padre José de Anchieta.

– Seria um trabalho sério. Já tenho pesquisado muito, encontrado muita coisa interessante. O ponto central seria fixar bem o padre Anchieta na nossa história, na história do Espírito Santo. Isto porque Anchieta é muito querido em outros lugares por onde passou, por onde ensinou, como em São Paulo, onde existe até a Fundação Anchieta".

– Como capixaba de coração, acho que todos os capixabas devem lembrar de Anchieta como o nosso primeiro professor, o nosso primeiro poeta, o nosso primeiro homem de teatro. Quanto à forma de apresentação do meu trabalho, talvez seja uma peça", diz, calando-se subitamente, como se tivesse revelado um segredo importante. E muda de assunto. Diz que o seu ideal é servir, "sem preocupação com o tempo".

Este é Paulo de Paula; professor da UFES, querido por seus alunos, embora a maioria deles desconheça toda a sua obra, todos os seus estudos e as suas atividades em outros países. Ele, que percorreu vários lugares, voltou ao Espírito Santo no início deste ano. Antes de voltar para o Brasil, pretendia ingressar na Universidade Federal do Amazonas, mas a oportunidade surgiu, e ele voltou a Vitória. Voltou à UFES, onde já havia sido professor de Literatura Americana, cargo que deixou para servir ao Ministério das Relações Exteriores. Hoje, além de professor, Paulo de Paula é adido ao Gabinete Civil do Palácio Anchieta.

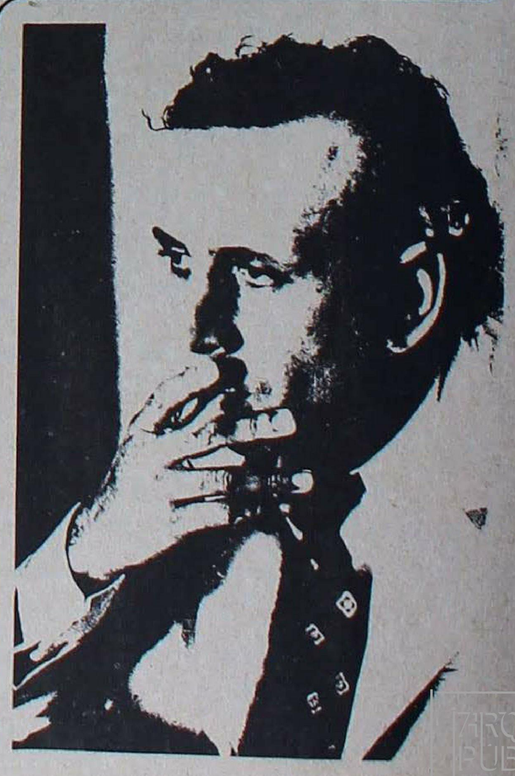


Esta é a mais recente poesia de Paulo de Paula, feita em homenagem ao dia do Professor.

PROFESSOR

Suas mãos manchadas de fumo,
Trêmulas,
Únicas mostras de dor.
Seu corpo rijo,
Voz segura: "Rosa, Rosae"
O latim declinava.
Das declinações pouco ficou.
Do professor o amor
Que ensinou pela Árvore,
Pelo próximo, pelo Lar.
A certeza que
Mãos trêmulas, amarelas,
Aliadas à postura e
Voz de ordem,
às vezes como um irmão,
outras como um pai,
ainda brandas como um amante,
É a voz de um professor
Que ainda se nos ecoa:
No Penedo,
Nos Barqueiros,
- ou em Rosa.
"Última flor do Lácio"...
Hoje, quisera um poema-flor
Para em Brasília depositar
Como uma lágrima,
Certo que ela se transformaria
Em orvalho saudoso sobre

"A blade of Grass".



ARQUIVO PÚBLICO ESPÍRITO SANTO